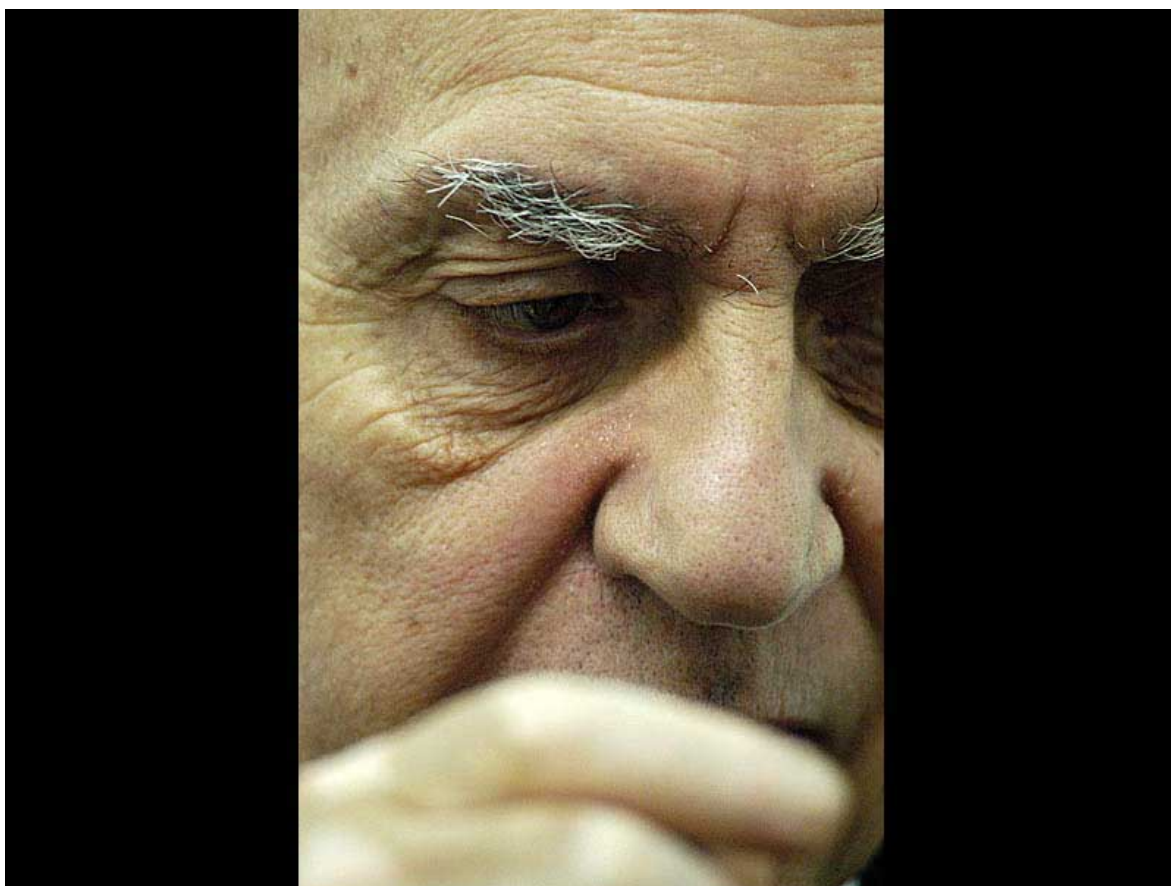




POÉTICAS DA IMAGEM

entrevista exclusiva com Eduardo Peñuela Cañizal

por Milton Pelegrini¹



Acesso à galeria de imagens: http://revista.cisc.org.br/ghrebh5/galeria/galeria_cisc/galeria_ghrebh.htm

¹ Milton Pelegrini é jornalista, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, diretor de Comunicação e pesquisador do CISC - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia.





"Comemorar" significa recordar junto, cultivar coletivamente a memória, trazendo de volta o que se esconde nas entranhas (do espaço, do tempo, do imaginário). Com este intuito de comemorar, a **revista Ghrebh-** ouviu Eduardo Peñuela Cañizal sobre seu percurso de investigador e apaixonado pela poética das imagens, comemorando com ele seu marco de setenta anos. Nossa idéia foi, mais que apenas comemorar, registrar o testemunho de um mestre, de sua serenidade aliada à sua coragem de ousar. Comemorar nossos mestres significa render os devidos tributos à história, à nossa própria história; significa afastar os fantasmas da úbris que amputa as próprias raízes, significa extrair do tempo sua mais legítima e definitiva lição, a experiência de descobrir e redescobrir os segredos do próprio tempo. Eduardo Peñuela Cañizal, com sete décadas desta experiência da descoberta, encontra-se pleno de vitalidade e continua oferecendo às novas gerações o exemplo de não esmorecer diante da complexidade do objeto que nos seduz, demonstrando a elas que não é com reducionismo e exclusões que se constrói uma área de conhecimento.

Revista Ghrebh- : *Gostaríamos que o senhor, em primeiro lugar, falasse sobre o seu trajeto. Sua história pessoal vem de estudos voltados, a princípio, para a literatura, depois foi praticamente um dos fundadores da área de Comunicação aqui no Brasil. E hoje o senhor é um dos grandes intelectuais brasileiros, um dos pensadores mais seminais da questão da "Imagem". Conte-nos um pouco desse percurso.*

Eduardo Peñuela Cañizal: Bom, não sei mesmo se sou um intelectual. Sei, isso sim, que sou um grande amante das imagens. Mas, quanto ao meu trajeto, gostaria de ressaltar os dois motivos que desencadearam minha passagem da literatura para o reino do imaginário. Um deles é de natureza fundamentalmente política. . Em 1968, quando ainda





estava em vigor na USP o sistema da Cátedra, fui dispensado, por razões que a luz do entendimento me leva a não comentar, do Departamento de Letras Modernas da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e, como já era professor de Literatura Hispano-Americana na ECA em regime de tempo parcial, permaneci nesta unidade, instituída com o nome de Escola de Comunicações Culturais. Mais tarde, fui transferido para o Departamento de Cinema, Teatro e Rádio TV (CTR), onde, incentivado pelo crítico Almeida Salles - e esse é o segundo motivo -, terminei assumindo a disciplina de Teoria do Cinema. A partir daí, comecei, sem esquecer a literatura, a estudar as imagens visuais e, uma vez dentro desse labirinto, não saí ainda dele. Posso dizer que aquele universo das comunicações ligadas à cultura e a outros meios que não eram exatamente literários me fascinou e, abismado nele, fiz boa parte da minha carreira universitária até ser aprovado no concurso para Professor Titular. Fui chefe do Departamento e, também, um dos fundadores do primeiro curso de pós-graduação em Ciências da Comunicação do País e do curso de pós-graduação em Artes. Já nos anos de 1980 fui representante dessas duas áreas junto à CAPES, função que exerci durante um longo período, sendo mais tarde eleito pelos Programas existentes para representar, nessa mesma Agência, a área de comunicação. Também tive honra de, uma vez escolhido pela comunidade, ser indicado, na década dos 90, como Diretor da ECA. Essa foi, em linhas muito gerais, minha trajetória e, a cada passo, meu compromisso com o estudo da arte e da comunicação foi se consolidando.

Revista Ghrebh- : *Então já que estamos falando em comunicação, hoje, a grande polêmica aqui no Brasil gira sobre essa questão. O senhor também teve aí um papel praticamente fundante numa visão de comunicação que fosse uma visão não estreita, uma visão dialogadora com outras manifestações culturais. Hoje em dia nós vemos uma preocupação no crescimento de oposições a esta visão, como é possível avaliar esse quadro?*





Eduardo Peñuela Cañizal: Creio que, de uma perspectiva mais ideológica do que epistêmica, os professores que hoje se dedicam ao ensino da comunicação, principalmente em nível de pós-graduação, defendem alguns princípios que são divergentes e, embora a divergência seja, em termos dialógicos, um fator positivo, quer me parecer que, em nossos dias, ela, devido a um conjunto de mal-entendidos, provocou cisões que se cristalizaram em grupos que, infelizmente, são, muitas vezes, antagônicos. Talvez esse antagonismo tenha raízes na tentativa de confinar um domínio autônomo, uma espécie de campo da comunicação onde somente dariam fruto princípios atrelados à comunicação de massa, hoje colonizada pelo que se denominada mídia, sem se pensar no étimo desse termo e, conseqüentemente, sem explorar suas ambivalências. Numa visão mais acurada da questão, não se trata, por conseguinte, de estabelecer a especificidade de uma área de conhecimento a partir de um princípio fundante. Trata-se, isso sim, de cercar esse campo em nome de implantar uma autonomia que mal disfarça suas características de feudo. Em minha opinião, os que se entregam a essa idéia cometem o erro característico das posições absolutistas. Sem descartar a idéia de que também possa estar enganado, no campo da comunicação, para mim, o que frutifica são as sementes dos enunciados e, como diz Bakhtin, nenhum enunciado é mortal e, por isso, sempre terá seu dia de ressurreição. Com isso quero dizer que o principio fundante dos múltiplos sertões da comunicação é a linguagem, sempre em estado de renascimento, sempre amarrada aos suportes que, com o transcorrer do tempo, o homem aperfeiçoa com o intuito primeiro de que as mensagens cheguem o mais célere possível ao seu destino, o que, em outras palavras, significa, de um lado, adentrar-se na aventura de aproximar cada vez mais os seres humanos e, de outro, fazer com que, na ressurreição dos enunciados, encontrem ressonância as vozes dos mais diversos saberes do homem e dos pedaços dele que foram ficando nas veredas resultantes da sua incansável travessia. Vale dizer, enfim, que não estou interessado em feudos e sim ancorado na convicção de que, nos fenômenos da





comunicação, o que interessa é desentranhar o papel que desempenha essa pluralidade de suportes expressivo-tecnológicos no processo de ressurreição, dia a dia, dos enunciados fundamentais. Não tenho vocação para ser protagonista de uma fábula existencial em que meu destino já esteja traçado pela mídia como, magistralmente, mostra Pavel Koutsky em seu filme de animação intitulado *Média*. Prefiro correr os riscos que me circundam e tornam meu entorno num jogo constante de resultados imprevisível. Repugna-me, ética e visceralmente, o subterfúgio daqueles que carregam suas armas com as balas feitas de páginas de jornal para disparar na cabeça de qualquer cidadão. Quiçá seja essa visão quase apocalíptica a que me conduz à crença de que a comunicação não é um feudo nem o sítio do confinamento, mas um território, um sertão que, como diz Guimarães Rosa, nos rodeia com sua multiplicidade de lugares e, acrescento por minha conta, possibilita que em cada um desses lugares os enunciados encontrem, para que a vida tenha algum sentido, sua hora e vez de ressuscitarem alentados por um enxame de ressonâncias humanas.

Revista Ghrebh- : *Nesse sentido é possível imaginar que existam algumas coisas que devam estar de fora da discussão desse novo conceito de comunicação ou tudo pode estar presente? Há algo para ficar de fora dessa discussão? Tem algo para incluir?*

Eduardo Peñuela Cañizal: Acho que qualquer processo de comunicação, no âmbito das idéias que acabo de expor, não é um ato excludente. Ao contrário, é um ato que se enriquece incluindo. Isso fica claro, por exemplo, na passagem em que Maturana e Varela se reportam à maneira de se comunicar certas espécies de aves africanas. Os pássaros, para se acasalar, cantam, mas cada pássaro tem seu próprio canto, isto é, um enunciado único que nunca é repetido por nenhum outro pássaro da família. O enunciado único, porém, só ganha sentido quando completado pelo outro partícipe da cerimônia de





acasalamento e, além disso, foi constatado que a mensagem construída não tem um antecedente semelhante nem é repetido por outros pássaros da espécie. Tal fenômeno pode levar à conclusão de que a comunicação entre esses animais é um ato truncado. Longe disso. Em termos lógicos, só pode existir um canto diferente se o animal que o executa sabe da existência de um canto anterior que não coincide com o que ele construiu. Pode-se dizer, portanto, que esses passarinhos se comunicam através de um idioleto particular a partir do qual as aves que o praticam fazem renascer, de algum modo, os outros cantos da espécie. Ou seja, nesse trino único formado pela conjunção dos enunciados do casal ressoam vozes dos gorjeios que constituem a cultura da espécie, isto é, a singularidade do idioleto inventado pela parilha adquire seu sentido mais genuíno não porque exclua os enunciados singulares de outras parilhas, mas sim porque inclui traços deles ou, quando menos, faz com que a ausência de outros enunciados totalmente diferentes esteja presente. Vale dizer que qualquer ato de comunicação se insere numa teia de relações complexas, numa rede que não é, mesmo que algumas das suas inúmeras relações se ocultem, excludente. Daí a necessidade de entender a comunicação com base no princípio de que seu elemento fundante, a linguagem, é uma rede em que se emaranham todos os saberes humanos.

Revista Ghrebh- : *Vamos insistir mais nesse tema da comunicação porque é um assunto que gera discussões apaixonadas dentro da universidade. Um dado interessante é que no documento da grande área de Comunicação da CAPES, está escrito o que não é ou o que não deve ser a comunicação. Como é que o senhor vê esse documento que deve nortear as investidas do MEC para fazer avaliações dos cursos de Comunicação Social no Brasil? Enfim, ele é na verdade é um documento que vai gerar um modelo de avaliação.*





Eduardo Peñuela Cañizal: A esse respeito, pode-se dizer que há uma documentação que não é oficial, mas simplesmente o resultado de discussões em que fervilham vários pontos de vista e que, em certa medida, funciona como pano de fundo do Documento da Área seguido - ou pelo menos interpretado - pelos que realizam a avaliação da CAPES. Ao que me é dado lembrar - e gostaria de frisar que a avaliação da CAPES talvez seja uma das conquistas mais importantes para o ensino superior no Brasil -, a documentação oficial da CAPES, que se reflete na estrutura do Formulário da chamada Ficha de Avaliação, possui quesitos que são normativos para qualquer domínio de conhecimento e outros que afetam unicamente a especificidade de cada área. Todos esses quesitos, no entanto, partem sempre do que alguns cientistas da linguagem chamam de definição positiva - assim, por exemplo, a etimologia é a disciplina que estuda a origem de um termo - e dificilmente incluem definições construídas a partir de predicções negativas - uma árvore não é uma pedra -. Essa tendência, além de se impregnar amiúde de contaminações tautológicas, propende para privilegiar o isolamento e, com isso, favorecer gradativamente o monologismo e, conseqüentemente, a exclusão. Creio que se esses documentos incorporassem também as definições negativas a questão da inclusão estaria favorecida e, sobretudo, o leque de relações, no caso do entendimento da comunicação, seria muito mais amplo e as possibilidades de relação com outros domínios de conhecimento passariam a ser menos conflitantes, constituem, em nossos dias, um forte fator de descontentamento no que diz respeito aos resultados da avaliação, já que, no fundo, as definições positivas funcionam como uma camisa de força, uma espécie, se vale a comparação, de terno feito à medida para um corpo tomado como padrão. Não há na universidade de nossos dias - e a própria palavra universidade contradiz das mais diversas maneiras esse modelo - esse corpo padrão único e ajustável a medidas previamente pré-estabelecidas.





Revista Ghrebh- : *Parece haver nessas discussões teóricas acadêmicas da CAPES uma disputa política, e não é, talvez nem seja uma política partidária, mas política no sentido da tomada de espaço, de poder acadêmico. E é possível identificar grupos de interesse se digladiando. São muitas frentes políticas ou são poucas?*

Eduardo Peñuela Cañizal: Na vida e nos recintos da universidade, a prática política é indispensável, faz parte do amadurecimento pessoal e, evidentemente, da dinâmica da vida acadêmica. Existe, no entanto, uma substituição da política, em sua acepção mais nobre, pela politicagem e, quando isso ocorre - e temos de admitir que isso também acontece -, os resultados são sempre perversos. Sinto, embora possa ser apenas uma impressão, que a perversidade mais lesiva é a que se manifesta através da maquinação destinada a separar gerações diferentes. Esse tipo de manobra é tão velho quanto a humanidade, mas como vivemos o tempo que a história nos destina, seria hipócrita, da minha parte, negar, na atualidade, a sua existência. De qualquer modo, mesmo que seja uma atitude quixotesca, essa constatação me repugna e, sobretudo, me provoca o mal-estar característico daqueles que vivem os efeitos da marginalização. Creio que, por exemplo, o sistema de pós-graduação vigente em nosso País marginaliza outros modelos e, obviamente, impede que se realizem - existe uma possibilidade muito grande de não serem credenciadas - outras experiências.

Revista Ghrebh- : *Nesse sentido existe uma forte tendência que pode ser observada nas avaliações dos cursos de Comunicação Social pelo MEC, focada em equipamentos, laboratórios, atribuindo conceitos para uma certa "fisicidade" do curso de comunicação numa universidade, e não necessariamente dentro dos seus pressupostos teóricos, paradigmas, centros de pesquisa etc. Talvez isso seja fruto dessa visão mais pragmática. O*





senhor acha que é correto supor que a atualização tecnológica deve ser compreendida como fundamental para as habilitações dos cursos de comunicação?

Eduardo Peñuela Cañizal: A tecnologia, enquanto instrumento que denota abertamente os avanços do ser humano, se reveste também de um valor cultural que não pode, em hipótese alguma, ser ignorado. A utilização dos recursos tecnológicos transformou, em nossos dias, os procedimentos de ensino e os modos de fazer pesquisa. Houve um tempo em que os avaliadores da CAPES aquilatavam cuidadosamente o acervo das bibliotecas - há indícios de que essa tendência, um pouco esquecida na área de comunicação nos últimos tempos, está retornando e é claro que hoje, em razão dos avanços tecnológicos, a biblioteca não é mais o que era faz uns dez anos atrás. Avaliar o acervo se tornou uma operação muito mais complexa, como muito mais complexa se tornou a questão de avaliar a infra-estrutura dos laboratórios de pesquisa. Não temos no País nenhum curso de pós-graduação em comunicação que tenha obtido o conceito 7 e, em boa parte, isso se deve também a precariedade dos recursos com que a maioria dos cursos existentes conta. Pode-se dizer que, em certa medida, a atualização tecnológica é fundamental para aqueles programas que têm linhas de pesquisa comprometidas, por exemplo, com a interatividade, via encontrada pelas ciências da informação para alargar os domínios do que se entendia por recepção. Outros programas centram seus interesses no universo do visual e, obviamente, têm de contar com recursos apropriados e modernos para estudar a especificidade desses universos não-verbais. Enfim, esses exemplos, poderia dar outros muitos, são suficientes para se convencer de que a atualização tecnológica tem um papel relevante na habilitação e na qualificação dos docentes. Por outro lado, é óbvio que, sem a devida qualificação dos professores, esses instrumentos formam um cenário que, lamentavelmente, podem fazer parte de um palco onde quase nunca ocorre nada ou, então, os atores que nele atuam se transformam num movimento de câmera sem





objetivos culturalmente predefinidos. Além disso, a quantificação de certos parâmetros de avaliação, se parece, de algum modo, a esse movimento desatinado da câmera que, com frequência, parece estar empenhada em nos dizer que um artigo de 5 páginas sempre terá valor menor do que um que tenha 12 e, em contrapartida, este último se iguala a um ensaio que tem, digamos, 60 páginas. Em que pese a relevância dos instrumentos tecnológicos, predomina na avaliação um conjunto de critérios meramente quantitativos e o sistema, já faz tempo, está pedindo que se transforme esse panorama ou, para fazer um jogo de palavras, essa panorâmica. O sistema QUALIS, salvo engano da minha parte, ainda está em fase experimental, mas mesmo assim poderiam se classificar as revistas pondo em prática o mérito e não privilegiando quase com exclusividade determinadas normas formais. O valor que assumem as letras atribuídas às revistas da área repercute na avaliação dos cursos e dos trabalhos publicados, ficando o mérito desses trabalhos relegados, muitas vezes, a um segundo plano, pois o que termina ressaltando a qualidade de um artigo é, nesse caso, a qualidade arbitrariamente atribuída aos periódicos por uma determinada comissão de docentes. Enfim, a avaliação da CAPES é uma conquista importante e, por isso mesmo, cheia de contradições e paradoxos. É possível que a esse respeito, aliando-se à qualificação dos avaliadores, os meios tecnológicos nos conduzam a uma avaliação mais abrangente e diferenciada dos programas existentes e dos que venham a ser credenciados.

Revista Ghrebh- : *Voltemos aos cursos de graduação. Neles é possível notar estruturas arcaicas e modelos novos, como é o caso dos cursos de Comunicação em Multimeios e Comunicação e Artes do Corpo, ambos da PUC/SP, por exemplo. A estrutura destes cursos foi pensada de modo a incluir. O senhor acha que uma reforma curricular poderia ajudar a melhorar o estado geral nos cursos tradicionais de comunicação como Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas? Se o senhor fosse criar um desses novos cursos de*





comunicação de graduação, o que o senhor estaria pensando em adotar como conteúdo, não disciplinas, mas conteúdos necessários para as habilitação em comunicação, desde a comunicação corporal passando pela comunicação jornalística, publicitária, comunicação tecnológica, multimeios, cinema, televisão, rádio?

Eduardo Peñuela Cañizal: A Lei de Diretrizes e Bases estabelece uma distinção fundamental entre matéria e disciplina. Tenho para mim que nem sempre as mudanças da estrutura curricular levaram em conta essa distinção. Daí a sua, em geral, persistente precariedade e, às vezes, seu caráter reducionista, já que muitas dessas mudanças se relacionam não exatamente com um domínio do saber, mas com o saber específico dos professores que atuam nos cursos. Por outro lado, é já mítica a idéia de que a solução dos problemas dos cursos se encontra na alteração da estrutura curricular dos mesmos. O fato é que esse divórcio que predomina entre matéria e disciplina nas muitas tentativas levadas a cabo em nome da grade curricular tem gerado um estado de exclusão inconveniente em todos os sentidos. Claro que alguns experimentos assumiram um caráter inclusivo e você fez menção em sua pergunta a alguns deles. Mas creio que a solução não está na mudança da estrutura curricular e este seria um assunto cuja discussão tomaria muito tempo. Entretanto, respondendo à última parte da sua questão, se eu tivesse o poder de criar uma habilitação nova o faria no campo da Direção de Arte, pois tenho certeza que uma habilitação centrada nesse domínio traria benefícios grandes para muitas das habilitações em vigor na área de comunicação social. Essa idéia se arraigou em mim a partir da minha experiência como responsável por uma disciplina optativa - Poética da Imagem - ministrada na ECA durante mais de 10 anos. Para minha sensibilidade de professor, era comovente ver reunidos, durante as tardes das sextas-feiras, estudantes vindos da engenharia, da medicina, da física, do teatro, do jornalismo, do cinema e da biblioteconomia. Comovente porque eu palpava as transformações que





suas mentes sofriam e, sobretudo, porque eu aprendia também e me transformava conglobando em minhas entranhas saberes vindos de lugares tão diferentes. Por isso estou convencido de que uma habilitação em que essa experiência ganharia sua forma mais adequada seria a de Direção de Arte.

Revista Ghrebh- : *Uma pergunta sobre a pesquisa no Brasil. Como está a pesquisa em comunicação no Brasil comparando com o patamar internacional? Estamos bem?*

Eduardo Peñuela Cañizal: Acho que, nas décadas de 70 e 80, a pesquisa em comunicação, no meu entender, foi dominada por uma visão sociológica e sua repercussão foi, salvo engano da minha parte, relativamente pequena se a compararmos com influência que tiveram em nosso contexto daqueles anos revistas como *Communications* e os trabalhos de Eliseo Verón, por exemplo. Surgiram, certamente, trabalhos de pesquisadores brasileiros que foram representativos, mas creio que muitos deles encontraram seu momento de consolidação mais tarde. Não seria justo deixar de reconhecer que nesses anos pioneiros, frutos da pesquisa acadêmica e dos cursos de pós-graduação, se publicaram obras que até hoje são reeditadas, mas creio que a atividade mais marcante foi a tradução de obras representativas. Em todo caso, esses tempos firmaram as bases para a criação de revistas e as editoras passaram a se interessar na edição de obras em que alguns aspectos fundamentais da comunicação foram abordados. Salvo engano de minha parte, um dos temas que despertou grande curiosidade foi o das histórias em quadrinhos e também de alguns programas da televisão. Hoje, nossa situação, embora fruto de todos esses esforços iniciais, é bastante diferente. Temos algumas revistas de qualidade - convém lembrar, entretanto, que, como já mostraram estudos feitos em vários países, as revistas são pouco lidas - e, nalguns campos, ocupamos uma posição de vanguarda, como, por exemplo, no estudo da telenovela. Não gostaria de citar nomes,





mas temos também trabalhos de peso em assuntos relacionados com a antropologia da comunicação e com a teoria do cinema. Existem livros sobre a fotografia e o cinema que, comparados com a produção mais avançada feita em outros países, são, até, superiores. Recentemente, surgiram estudos consistentes sobre o hipertexto, a realidade virtual e a telemática, estudos que, aliados a trabalhos sobre temas mais tradicionais, colocam o Brasil, no contexto da América Latina, numa posição de liderança. A tudo isso, deve somar-se um conjunto de trabalhos sobre comunicação e cultura, semiótica e visualidade, design, fotografia, jornalismo e cinema brasileiro que são, além de alta qualidade, extremamente originais na maneira de abordar certos aspectos da comunicação. Essa heterogeneidade, não podemos esquecer também os trabalhos sobre a psicanálise e a comunicação, prova que o chamado campo da comunicação é inclusivo, pois sempre coloca em relação, pelo menos nos trabalhos mais representativos da produção acadêmica, domínios de conhecimento diferentes. Essa relativa pujança da produção tem, em boa parte, sua origem nos cursos de pós-graduação e, também, no sistema de bolsas implantado pelas principais agências de fomento do País. Enfim, se quantificarmos a qualidade da produção da área, diria, ao que me é dado conhecer, que nossa produção ainda não chegou aos patamares dos países mais avançados, mas caminhamos bem e, apesar de inevitável proliferação de trabalhos superficiais, temos já um conjunto de pensadores de respeito.

Revista Ghrebh- : *E a comunicação tem um objeto?*

Eduardo Peñuela Cañizal: Tem os objetos, digamos assim, que ela tem de criar e não partir unicamente, é uma posição extremamente cômoda, de objetos já feitos. Objetivos? Se tivesse de defender algum defenderia o de procurar o outro lado desses objetos, o seu reverso e o que aí há de terceira margem.



**Revista Ghrebh- : Que podem ser mágicos?**

Eduardo Peñuela Cañizal: Como já disse, a mim, particularmente, me atrai o outro lado das coisas e o itinerário que devo fazer para chegar até lá possui, sem dúvida, algo mágico. Creio que esse trajeto segue trilhas abertas pela fenomenologia e, talvez vez por isso, a gente passe pela prova de que o olho que a gente vê, como dizia um poeta andaluz, não é olho simplesmente porque a gente o veja, mas é olho porque ele também nos vê. Essa premissa, sem se desfazer da lógica, se enreda, certamente, numa tessitura de feitiços.

Revista Ghrebh- : *Para retomar a questão da imagem. O senhor falou das imagens inconscientes e também desenvolveu uma tipologia da imagem, uma prototipologia da imagem. Sabe-se que Freud é um dos autores que se ocupou com a questão da imagem e até mesmo agora, nessa última polêmica na Alemanha, uma das áreas que reivindicavam se ocupar de uma ciência da imagem era a Psicanálise, então os psicanalistas participaram da briga reivindicando que a psicanálise é uma das vertentes dessa ciência da imagem. O senhor é um pioneiro nessa discussão. O poderia falar um pouco mais sobre ela?*

Eduardo Peñuela Cañizal: Não sei se eu sou, no Brasil, o pioneiro nesse tipo de trabalho. Mas, de qualquer modo, agradeço suas palavras. Faz tempo venho lidando com as imagens. O cinema de Buñuel foi, quiçá, minha fonte de inspiração. Ele projetou em minhas pupilas iconografias insólitas, imagens que, como a navalha que corta o olho do famoso fotograma de Um Cão Andaluz, abriram sulcos em minhas entranhas. Comecei a me interessar, devido ao inusitado imaginário das configurações buñuelescas, pela procura dos étimos dessas figuras, ou seja, pela busca do que hoje eu denomino etimologias iconográficas. Dominado por esse canto de sereias, amarrei-me, imitando o gesto de Ulisses, ao mastro da psicanálise e minha escuta me fez entender que algumas dessas imagens eram, no fundo, fantasmagorias oníricas e outras tinham suas raízes em





imagens pré-fabricadas por artistas e cineastas de outros tempos. A pintura surrealista, em razão da variabilidade de rupturas expressivas postas em prática por seus principais representantes, me fez ver que era necessário, com base no pensamento freudiano e lacaniano, tentar a aventura de me lançar à tarefa de estabelecer uma tipologia imaginária. E, nessa questão, trabalho já faz muitos anos. Sinceramente, não consegui ainda montar essa tipologia. Estou apenas no estágio de lidar com o que me parece ser uma espécie de prototipologia. Freud sempre se preocupa muito com o problema da regressão, chamando a atenção para os fenômenos provocados pelas relações entre a cultura e a memória. Essa idéia me foi fundamental e, a partir dela, imerso na tríade imagem-cultura-memória, tenho estudado iconografias através das quais os cineastas e os artistas plásticos, navegando pelo mundo da comunicação visual, molduram seus simulacros oníricos. Recentemente - acaba de ser publicado no livro *O olhar à deriva* - organizei de maneira mais sistemática, num ensaio, minha leitura do sonho fictício de Morangos Silvestres e, em livrinho - *La Inquietante Ambigüedad de las Imágenes* - publicado pela Universidad Autónoma Metropolitana, do México, publico outro ensaio em que analiso a relação de certos aspectos iconográficos de um auto-retrato de Frida Kahlo com as formas de escrita mais antigas das culturas ameríndias. Hoje, embora seja provisório, já tenho um esquema de uma tipologia da imagem - pesquisa que realizo com bolsa do CNPq -. E posso afirmar que as que mais me interessam são as oníricas, as abjetas e as fragmentárias. É possível que até o fim do ano reúna em livro o que já tenho escrito. Talvez a vida me permita ainda isso.

Revista Ghrebh- : *O senhor nasceu na Espanha, e gostaríamos que o senhor contasse algumas imagens que marcaram esse seu percurso. No Brasil, qual que mais o que marcou? Das imagens que o senhor carregou ao longo da sua história é possível mostrar-nos os fotogramas da sua história, alguns fotogramas?*





Eduardo Peñuela Cañizal: Clique para ouvir a resposta.

ASHTON, T.s., (1971) A Revolução Industrial Lisboa - Portugal: Editora Publicações Europa - América

BAITELLO, Norval, (1999) O Animal Que Parou Os Relógios São Paulo: Annablume

BLUMENBERG, Hans, (1986) Tempo Della Vita E Tempo Del Mondo Bologna - Italia: Il Mulino

CASTELLS, Manuel, (1999) A Sociedade Em Rede São Paulo: Paz E Terra

CONESA, Rebullida Amador, (1988) Astronomía Y Religión En El Neolítico-bronze Ègara, Spaña: Terrassa

CONTRERA, Malena Segura, (2002) Mídia E Pânico - Saturação Da Informação, Violência E Crise Cultural Na Mídia São Paulo: Annablume

ELIAS, Norbert, (1998) Sobre O Tempo Rio De Janeiro: Jorge Zahar

KAMPER, Dietmar, (1998) O Trabalho Como Vida São Paulo: Annablume

LLEDÓ, Joaquín, (1999) Calendarios Y Medidas Del Tiempo Spaña: Acento Editorial

MIELIETINSKI, E.m., (1987) A Poética Do Mito Rio De Janeiro: Forense - Universitária

POMIAN, Krzystof, (1993) Tempo E Temporalidade Lisboa - Portugal: Imprensa Nacional - Casa Da Moeda





PRIGOGINE, Ilya, (1988) O Nascimento Do Tempo Lisboa - Portugal: Edições 70

PROSS, Harry, (1989) La Violencia De Los Símbolos Sociales Barcelona - Spaña: Anthropolos

RAY, Christopher, (1991) Tempo, Espaço E Filosofia São Paulo: Papyrus

ROMANO, Vicente, (1998) El Tiempo Y El Espacio En La Comunicación - La Razón
Pervertida Navarra - Spaña: Argitalexe Hiru

VIRILIO, Paul, (1999) O Espaço Crítico São Paulo: Editora 34

WHITROW, G.j., (1999) O Tempo Na História Rio De Janeiro: Jorge Zahar

São Paulo, março de 2004.

